

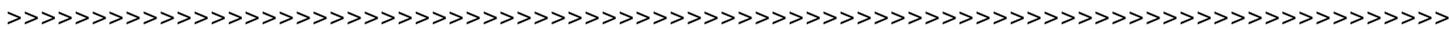
VIOLÊNCIA URBANA

A violência nas grandes metrópoles brasileiras tornou-se um problema crônico para seus habitantes e para a administração pública. Entre suas causas estão a desigualdade de renda, a desarticulação e ineficiência das forças de repressão e o tráfico de drogas

POR VLADIMIR FERNANDES MACIEL







A vida nas capitais e grandes cidades brasileiras é associada a grande número de ocorrências policiais – furtos, assaltos, assassinatos. Não raro, pessoas residentes em pequenas cidades do interior associam as metrópoles ao “inferno sobre a terra” – sensação fartamente alimentada por telejornais e apresentadores que preferem realçar as mazelas como forma de aumentar a audiência.

Dois aspectos sobressaem nesse tema. O primeiro é que a sensação de insegurança e de presença da violência é relativa e subjetiva. Ou seja, a percepção do fato não necessariamente condiz com os indicadores objetivos de criminalidade. O segundo aspecto refere-se à constatação de que uma maior violência está associada, inevitavelmente, a um maior número de pessoas. Tanto isso é verdade que as estatísticas de violência somente podem ser comparadas na razão entre ocorrência e população – por exemplo, número de homicídios para cada mil habitantes. Neste ensaio, discutimos aspectos objetivos da violência e da segurança pública nas grandes cidades.

CRIME NA CIDADE. A distribuição do crime não é igual na cidade; mesmo assim, podemos identificar certos padrões. Por exemplo, nas áreas centrais predominam furtos e assaltos. A lógica econômica é clara: nessas regiões circulam mais pessoas em razão de trabalho e consumo, assim como se concentram bancos e outras instituições financeiras. Trata-se, portanto, de um ambiente adequado para quem deseja cometer esses tipos de delitos.

Já nos bairros mais ricos, em geral localizados em torno das regiões centrais – em uma espécie de centro expandido – os crimes contra o patrimônio são os mais comuns. Novamente há uma motivação econômica clara, uma vez que, se o objetivo é a apropriação ilegal de bens materiais de maior valor e porte, esses bairros são grandes fontes de oportunidades.

As ocorrências de assassinatos e assaltos seguidos de morte prevalecem na periferia mais pobre, principalmente se há favelas. É importante lembrar que as favelas e o crime não andaram sempre de mãos dadas. Até os anos 1960, as favelas, a despeito da precariedade das condições habitacionais, eram locais de fortes laços comunitários e de preservação de tradições culturais populares. A visão idílica dos morros cariocas nas décadas de 1930 a 1950, berços do samba e das agremiações, ilustra essa situação.

Porém, esse cenário mudou nos anos 1970, devido a dois motivos principais. O primeiro se refere ao inchaço populacional das localidades mais pobres, fruto da migração e da incapacidade da infraestrutura pública e das economias municipais de absorverem e lidarem com o incremento de pessoas na área urbana. O segundo motivo é ascensão das drogas, principalmente a cocaína, cujo consumo se popularizou mundialmente no período – como se sabe, onde há demanda há incentivos para o surgimento da oferta.

BOA PARTE DOS CHEFES DO CRIME ORGANIZADO CONTINUA LIDERANDO AS OPERAÇÕES DE DENTRO DA CADEIA E NEGOCIANDO BENEFÍCIOS PESSOAIS COM CARCEREIROS – OU SEJA, A VIDA CONTINUA QUASE DA MESMA MANEIRA

